

CALAMIDADE NO RS

Atiradores de elite e portão arrombado

O percurso da PRF ao aeroporto foi feito em dois barcos. Os voluntários em um com motor potente, rebocando outro com a coordenadora e outro suposto funcionário da Taurus. “Ela (coordenadora) disse para não usar celular e até para não fazer movimentos bruscos, pois estávamos na linha de tiro de snipers (atiradores de elite)

da Polícia Federal no topo dos prédios”, enfatiza a médica. Os voluntários confirmam que avistaram um em prontidão, deitado em um telhado, de roupas camufladas e com arma de grosso calibre apontada para as águas.

O primeiro contato com policiais federais ocorreu na entrada do aeroporto. “Havia muitos. Isso me deixou mais tranquila”, suspira a médica.

Um agente e os voluntários precisaram arrombar o portão e quebrar um engate de metal para a passagem dos barcos. “Vocês são funcionários da Taurus?”, perguntou um policial. “Não, sou médica. Vim para resgatar crianças.” Ao ouvir que os voluntários tinham sido “enganados”, o agente teria sorrido. “A Taurus fazendo isso.”



Terminal de exportação armazenava carga bélica

Policial militar é preso por matar esposa professora

O policial militar apontado como autor de um feminicídio registrado em Sapucaia do Sul na noite de segunda-feira se apresentou na 2ª Delegacia de Polícia da cidade horas após o crime. O soldado, de 49 anos, que havia tido a prisão preventiva decretada e que estava foragido, se entregou na tarde de terça-feira. Entregou a arma usada no crime.

O feminicídio aconteceu na Rua Rio Claro, no bairro Ipiranga, por volta das 23h30. O autor, que era marido da vítima, trabalha no 15º Batalhão de Polícia Militar (15º BPM), de Canoas, e havia fugido logo após o disparo. O nome não foi informado.

A vítima foi identificada como Jaqueline Araújo dos Santos, de 46 anos. Segundo socorristas que atenderam à ocorrência, ela foi ferida com um disparo de arma de fogo na cabeça. Equipes do Resgate Vida e do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) foram acionados, mas Jaqueline morreu no local.

Segundo vizinhos, antes de fugir para uma área de mata nas proximidades da residência do casal, o homem ainda teria pedido a uma moradora da área para que acionasse o socorro. Testemunhas dizem ter escutado estampido de tiro vindo da área da mata por volta de 1 hora. Buscas foram feitas, mas ele não foi encontrado.

Homenagens

Jaqueline era professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aurilândia Chaxim Bes. A prefeitura de Sapucaia do Sul emitiu uma nota lamentando a morte da servidora. “Professora Jaqueline, uma educadora exemplar, será lembrada por sua competência e dedicação à educação. Sua partida deixa uma lacuna irreparável e será sentida por toda a comunidade. Lamentamos a perda e nos solidarizamos com a família neste momento de dor”, diz o texto.



Carga era visada por facção

Primeira leva foi ao caminhão sem escolta policial

No terminal internacional de cargas, havia cerca de dez funcionários da indústria bélica. Os voluntários chegaram a ver notas fiscais das armas retidas por causa da enchente. “A gente percebeu que o pessoal estava perdido sobre como transportar a carga de barco. Daí organizamos uma logística”, recorda Igor.

Eram caixas pesadas, muitas delas de 60 quilos. Tinham que ser levadas a um caminhão branco, sem identificação, estacionado em área transitável na rua. Por volta das 9 horas, começou o descarregamento.

“A primeira embarcação foi a nossa, com nove caixas, sem nenhuma escolta armada até esse caminhão. Isso é gritante na desorganização”, afirma Nicolas.

O Comando de Operações Táticas (COT) da Polícia Federal, encarregado da segurança da remoção bélica, chegou quando a primeira leva já tinha sido transportada. “Foram sem a gente?”, indagou um agente, com as mãos na cabeça. “As coisas foram se organizando aos poucos, mas ainda assim sem muito controle”, acrescenta o investidor.

Igor relata que cuidava

sozinho de pilhas de caixas no portão do terminal. “O pessoal da Taurus falou para não me preocupar, porque tinha um sniper mirando na minha direção para cuidar da carga. A gente montou uma fila de palets para agilizar os carregamentos quando cada barco chegava.”

Os voluntários ainda atentaram para a preservação do material. “Cuidamos da integridade das caixas. Sugerimos forrar o fundo das embarcações para não molhar. Mesmo assim, uma chegou a molhar e se abriu”, expõe Nicolas.

Cansaço, fome, sede e mais civis

De acordo com Nicolas, mais voluntários foram recrutados durante o dia. “Viram que ia levar noite adentro se fossem só nós. Então passaram a vir outros civis, só que eles não sabiam o que estavam carregando. Eu preferia não estar sabendo também.”

Em meio às embarcações com armas, passavam outras sem nenhuma relação com a operação. O trânsito era livre, sem isolamento. “Um amigo meu, que fazia rondas na empresa dele, porque estavam roubando, chegou a abanar e me chamar pelo nome”, destaca a médica. Ela conta que os voluntários receberam água e comida só à tarde. O resgate foi concluído quando já escurecia, depois das 17 horas. “Foi muito cansativo.”

Ela conta que os policiais pensavam que ela e os amigos, pelo grau de envolvimento com a logística, eram funcionários da Taurus. “Ficaram estarecidos quando dissemos que não. A relação com os policiais foi muito tranquila depois de alguns mal-entendidos. Foram muito queridos com a gente. Passei orientações de profilaxia a eles, porque havia muitos parasitas visíveis na água.”

Conforme a médica, os agentes aparentavam esgotamento. “Estavam exaustos, há muitos dias ali, contando as horas para irem embora.” O caminhão que recebeu as armas estava cercado de policiais com uniforme preto e fortemente armados. O destino das armas é sigiloso.

+ Gozações e espanto de parentes

“Como foi o resgate das crianças?”, era o que Nicolas mais ouvia quando retornou ao abrigo. “Eu desconversava e tinha que lidar com gozações, porque as pessoas viram meu vídeo com pedido de ajuda para resgate das crianças e não ouviram mais nada a respeito. Mesmo tendo sido feito de bobo por uma empresa que ignorou os protocolos de segurança e nos expôs a risco extremo, eu não falava sobre as armas. Despistava, mesmo com as piadas.”

O investidor frisa que só passou a tocar no assunto quando

se viu na televisão. “Lembro que o pessoal da Taurus ficou irritado com a chegada da equipe de reportagem do Fantástico”, comenta ele. Os voluntários relatam que amigos e parentes os reconheceram no programa.

“No trabalho, as pessoas me perguntavam, chocadas, como eu tinha parado em um negócio desses da polícia. Ainda bem que contei ao meu pai antes da reportagem ir ao ar, pois, para ele, eu tinha saído para resgatar crianças. Ele ainda me xingou. Disse que não era para estar me metendo nesse tipo de coisa”,

afirma a médica.

O grupo segue nas ações voluntárias decorrentes das enchentes. Antes, precisa consertar o motor do barco que conseguiu emprestado. “Os custos são o de menos, porque eram para uma causa nobre. Infelizmente, nos pegaram de uma forma no mínimo questionável para outro objetivo. E se entre nós houvesse alguém ligado ao crime organizado? Poderia tranquilamente ter ligado e avisado uma quadrilha bem antes da retirada das armas”, reflete Nicolas.

Em nota à reportagem, PF menciona responsáveis pela remoção

Questionada se tinha conhecimento de voluntários na operação e por que não teria tomado providências ao constatar falta de segurança, a Polícia Federal emitiu nota à reportagem na tarde desta quarta-feira: “A retirada das armas que estavam depositadas no Aeroporto Internacional Salgado Filho foi coordenada pela Polícia Federal, por meio do Comando de Operações Táticas (COT), grupo especializado em situações de risco, em articulação com a Fraport, administradora do Aeroporto Internacional Salgado Filho, e com a empresa proprietária da carga, sendo esses, exclusivamente, os participantes envolvidos com a logística de remoção do armamento”.

Taurus confirma que a “recrutadora” é funcionária

A mulher que se encontrou com os voluntários e estaria por trás do recrutamento deles é realmente funcionária da empresa, conforme a Taurus. A fábrica observa, no entanto, que ela não ocupa cargo de gestão. Também em comunicado nesta quarta à tarde, a Taurus diz que não conhece o homem que fez o primeiro contato com os voluntários: “A Taurus é uma Empresa Estratégica de Defesa, credenciada pelo Ministério da Defesa, atua há 85 anos de acordo com as diretrizes legais e regulatórias, e esclarece que a operação de retirada das armas no aeroporto foi coordenada na parte fluvial pelo Comando de Operações Táticas da Polícia Federal (COT) e na parte terrestre com veículo de transportadora credenciada pelo Exército Brasileiro, escoltada por dois veículos de segurança privada armados e acompanhada por três viaturas da Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE) da Polícia Civil do Rio Grande do Sul. A conferência e manuseio das armas foram feitas por 12 funcionários da Taurus, da área de logística, devidamente capacitados”.